

4 FAZER SER

Alessandro Malta¹

O texto “Da Imanência à Transcendência num processo de construção do conhecimento”, do Prof. Dr. Ruy Cezar do Espírito Santo, me fez refletir sobre dois conceitos presentes na religiosidade japonesa e que poderiam ser muito bem aplicados neste processo de construção do conhecimento.

O primeiro é o conceito de *Izunome*, extraído de um dos deuses xintoístas, *Izunome no Ookami*, que representa simultaneamente a atuação do fogo e da água. *Izunome* indica a perfeita harmonia entre o horizontal e o vertical e tem como símbolo a cruz equilibrada, onde o ponto de intersecção representa o ponto zero, o ponto de equilíbrio ou o que os budistas chamam de vazio, a essência do ser. Segundo Meishu-Sama, pensador e religioso japonês: “Em síntese, *Izunome* tem o sentido de trilhar o caminho do meio, [...]” (MEISHU-SAMA, 2018, p. 76)

Trazendo este conceito para a nossa reflexão, não tenho dúvidas que o autoconhecimento é exatamente este ponto de intersecção entre a imanência e a transcendência, espírito e matéria, “ego e self”, ou seja, o despertar interior.

Uma das primeiras experiências que tive em sala de aula como educador, foi como voluntário em um instituto de capacitação de jovens no município de Taboão da Serra, São Paulo. A turma com 30 alunos entre 14 e 16 anos, possuía experiências de vida muito ricas. No primeiro dia de aula, fiquei apavorado. Dominava o conteúdo, tinha preparado as aulas, mas e agora? E se me perguntarem algo que eu não saiba? E se não gostarem de mim? E se minha aula começar a dar sono? Perguntas que acredito que todo professor faz para si mesmo quando inicia na profissão. Comecei a lembrar de professores que admirava e a maneira com que eles despertaram em mim a paixão por lecionar. De repente percebi que o que tinha que fazer era ministrar as aulas com o coração, sendo sincero e buscando em cada aluno o mais profundo sentimento de amor e através desta troca de sentimentos, me deparei com a dimensão espiritual de cada um. Passei a relatar minhas experiências de acordo com o conteúdo aplicado e isso fez despertar o interesse de todos. Ganhei 30 novos amigos.

Essa experiência que tive só foi possível, pois houve uma coerência da minha parte ao ministrar as aulas, ou seja, falei aquilo que eu fiz e esse é o espírito que devemos ter quando lecionamos. Fazer aquilo que falamos. Não apenas despejarmos o conteúdo, mas falarmos com o coração, buscar em cada um o mais puro sentimento escondido em traumas, frustrações, desespero, fome, e tantos outros bloqueios que impedem esta sinergia.

¹ Alessandro Malta: Docente no curso de Teologia da Faculdade Messiânica de São Paulo, com Especialização em Educação pela Faculdade Messiânica de São Paulo. Atua nas áreas de Teologia Messiânica e Capelania. Áreas de pesquisa: Educação, Espiritualidade e Teologia.

Existe uma palavra japonesa que define bem essa experiência e que é o segundo conceito. Ela se chama *Makoto*, na qual estão implícitos os seguintes sentidos: sinceridade, fé, amor, lealdade, honestidade, fidelidade, cordialidade, verdade, devoção, lisura, constância, e etc. Nas palavras de Meishu-Sama: “Ainda que sejamos inábeis ao falar, se as nossas palavras forem ditas com *Makoto*, terão o poder de mover as pessoas.” (ESPÍRITO SANTO, 2007, p165).

Assim devemos falar a partir do coração, em concordância com nossos atos, ou seja, o ato de educar deve-se estabelecer de dentro para fora, como a palavra em Latim sugere: *Educare* - tirar de dentro - da alma para o corpo, do espírito para a matéria, “fazer ser” primeiramente no sentido de buscar o caminho do meio, o ponto zero, o ponto ômega, o despertar interior, o autoconhecimento tanto do educador como do educando, criando um vínculo entre ambos, vínculo este que se dá através do amor. Não o amor no sentido sentimental ou afetivo, mas sim o amor *Ágape*. Palavra grega cujo significado pode ser o amor que se doa, o amor incondicional, o amor que se entrega. Isso vai muito além da religiosidade. Segundo Ruy César do Espírito Santo: “De fato, já enfatizei nessa reflexão a importância para o autoconhecimento da consciência da dimensão espiritual do ser humano, independentemente de crenças particulares. A perda da espiritualidade é que acarreta a doença ainda presente em nossa educação, que Paulo Freire chamava de ‘educação bancária’, ou seja, uma educação conteudista que somente privilegia a racionalidade.” (ESPÍRITO SANTO, 2007, p.83).

Neste sentido devemos entender que possuímos algumas dimensões que devem ser levadas em conta quando falamos em educar. Dimensão física, sensorial, emocional, mental e claro espiritual. Incorporar a dimensão espiritual na educação implica, portanto, reconhecer que a existência humana extrapola as dimensões físicas e materiais, reunindo à missão educacional novos fundamentos relacionados às capacidades exclusivamente humanas de perguntar pelo sentido da vida, projetar e transcender. Concluindo, essa reflexão, a formação do Ser deve ser integral, completa em todas as suas dimensões.

REFERÊNCIAS

Ensinamentos de Meishu-Sama; Organização e tradução IMMB, 6.ed. - São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2018. 184p. – (Coletânea - Alicerce do Paraíso, v. 3).

ESPÍRITO SANTO, Ruy Cezar do. **Autoconhecimento na formação do educador** / Ruy Cezar do Espírito Santo. – 2ª ed – São Paulo: Ágora, 2007.